



## Consumos

Nos resultados dos vários **estudos epidemiológicos nacionais** realizados ao longo dos anos, a cannabis tem surgido sempre como a droga que apresenta as prevalências de consumo mais elevadas.

No segundo *Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral* realizado em Portugal em 2007, à semelhança do ocorrido em 2001<sup>77</sup>, a cannabis foi a substância que registou as maiores prevalências de consumo quer na população total (15-64 anos) quer na população jovem adulta (15-34 anos). Entre 2001 e 2007, registou-se um aumento das prevalências de consumo de cannabis ao longo da vida - de 7,6% para 11,7% na população total e de 12,4% para 17% na jovem adulta - e uma estabilização das prevalências nos últimos 30 dias - de 2,4% para 2,4% na população total e de 4,4% para 4,7% na jovem adulta. Verificou-se também uma descida das taxas de continuidade do consumo<sup>78</sup> de cannabis na população total - 43,2% em 2001 e 30,5% em 2007 - e na população jovem adulta - 50,3% em 2001 e 39,4% em 2007 -, surgindo como a terceira droga na população total e a segunda na jovem adulta, com maiores taxas de continuidade do consumo em 2007. A análise por género evidencia prevalências de consumo de cannabis mais elevadas no grupo masculino (prevalências ao longo da vida e nos últimos 30 dias respetivamente de 18,4% e 4,6% na população total e de 25,1% e 8% na jovem adulta) do que no grupo feminino (prevalências ao longo da vida e nos últimos 30 dias respetivamente de 5,2% e 0,5% na população total e de 8,7% e 1% na jovem adulta), assim como taxas de continuidade do consumo mais elevadas no grupo masculino. A análise regional (NUTS II) destaca o Algarve e Lisboa como as regiões que apresentavam em 2007 prevalências de consumo de cannabis ao longo da vida e nos últimos 30 dias acima da média nacional, na população total e na jovem adulta.

Os resultados dos estudos nacionais realizados entre 1995 e 2003 no contexto das populações escolares - o ESPAD<sup>79</sup> (alunos de 16 anos) em 1995, 1999 e 2003, o HBSC/OMS<sup>80</sup> (6.º/8.º/10.º anos de escolaridade) em 1998 e 2002, o INME<sup>81</sup> (3.º Ciclo e Secundário) em 2001, e, o ECATD<sup>82</sup> (alunos dos 13 aos 18 anos) em 2003 - apresentavam prevalências de consumo de cannabis bem mais elevadas que as das outras drogas. Verificou-se uma tendência de aumento das prevalências de consumo de cannabis ao longo da vida a nível dos resultados do HBSC/OMS entre 1998 e 2002 e do ESPAD entre 1999 e 2003. Os resultados do ECATD

<sup>77</sup> Balsa et al., 2008.

<sup>78</sup> Proporção de indivíduos que tendo consumido uma dada substância ao longo da vida, declaram ter consumido essa mesma substância no último ano.

<sup>79</sup> Portugal integra o ESPAD - European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs - desde 1995. Os dados nacionais enquadrados no contexto europeu e relativos aos estudos de 1995, 1999, 2003 e 2007, encontram-se publicados (Hibell et al., 1997; Hibell et al., 2000; Hibell et al., 2004; Hibell et al., 2009). Em 2011 foi realizado outro estudo, cujos resultados ainda não foram publicados.

<sup>80</sup> Portugal integra o HBSC/OMS - Health Behaviour in School-aged Children - desde 1996 e é membro associado desde 1998. Os dados nacionais relativos aos estudos de 1998, 2002, 2006 e 2010, encontram-se publicados (Matos et al., 2000; Matos et al., 2003; Matos et al., 2006; Matos et al. 2010).

<sup>81</sup> O INME - Inquérito Nacional em Meio Escolar - teve início no IDT, I.P. em 2001 e foi repetido em 2006 (Feijão & Lavado, 2002; Feijão, 2008) e 2011 (resultados ainda não publicados).

<sup>82</sup> O ECATD - Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco e Droga - teve início no IDT, I.P. em 2003 e foi repetido em 2007 (Feijão & Lavado, 2006; Feijão, 2009) e 2011 (resultados definitivos ainda não publicados), inserindo-se no Programa de "Estudos em Meio Escolar".

relativos às percepções do consumo regular de cannabis indicavam que a percepção do risco desse consumo aumentava com a idade, mas que a percepção sobre a dificuldade de abandonar esse consumo diminuía com a idade. Entre esta população escolar, a cannabis era percebida como a droga cujo consumo regular era mais fácil de abandonar.

**Quadro 21** - Resultados de Estudos: Prevalências do Consumo de Cannabis ao Longo da Vida (%)  
2001 - 2003, 2006 - 2007 e 2010

Estudos	CONSUMOS						
	2001	2002	2003	2006	2007	2010	
População Geral	Pop. Total (15-64 anos)	7,6	–	–	–	11,7	–
	Pop. Jovem Adulta (15-34 anos)	12,4	–	–	–	17,0	–
População Reclusa		56,5	–	–	–	55,2	–
População Escolar	ESPAD (alunos de 16 anos)	–	–	15	–	13	–
	HBSC/OMS (alunos do 6.º / 8.º / 10.º ano)	–	9,2	–	8,2	–	8,8
	INME (3.º Ciclo)	10,4	–	–	6,6	–	–
	INME (Secundário)	25,6	–	–	18,7	–	–
	ECATD 13 anos	–	–	2,3	–	2,3	–
	14 anos	–	–	6,5	–	4,8	–
	15 anos	–	–	11,0	–	8,3	–
	16 anos	–	–	17,3	–	14,1	–
	17 anos	–	–	23,6	–	19,6	–
	18 anos	–	–	29,1	–	26,1	–

Fonte: Balsa et al., 2008; Torres et al., 2009; Hibell et al., 2004; Hibell et al., 2009; Matos et al., 2003; Matos et al., 2006; Matos et al., 2010; Feijão & Lavado, 2002; Feijão & Lavado 2006; Feijão, 2008; Feijão, 2009 / Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P.: DMFRI - NE

Em 2006, os resultados do HBSC/OMS e do INME evidenciaram a cannabis como a droga preferencialmente consumida por estes jovens, apesar das descidas das prevalências de consumo, respetivamente entre 2002-2006 e 2001-2006. No HBSC/OMS, verificou-se entre 2002 e 2006 uma diminuição da prevalência de consumo de cannabis ao longo da vida (de 9,2% para 8,2%), padrão de evolução este que se mantinha a nível do género mas não a nível do ano de escolaridade - entre os alunos mais novos mantinha-se estável - e do estatuto socioeconómico - entre os alunos com estatuto socioeconómico mais baixo constatou-se um aumento da experimentação de cannabis entre 2002 e 2006. No INME, a cannabis manteve-se como a droga predominante, constatando-se entre 2001 e 2006 uma diminuição das suas prevalências de consumo ao longo da vida e nos últimos 30 dias, tanto nos alunos do 3.º Ciclo (respetivamente de 10,4% para 6,6% e de 4,7% para 3,3%) como nos do Secundário (respetivamente de 25,6% para 18,7% e de 11,1% para 8,9%).

Em 2007, também os resultados do ESPAD e do ECATD evidenciaram a cannabis como a substância ilícita com maiores prevalências de consumo e a diminuição destas prevalências relativamente a 2003. A nível do ESPAD, entre 2003 e 2007 constatou-se uma diminuição das prevalências de consumo de cannabis ao longo da vida (de 15% para 13%) e nos últimos 30 dias (de 8% para 6%). No ECATD, as prevalências de consumo de cannabis variaram na razão direta da idade, seja a nível das prevalências ao longo da vida (2,3% nos alunos de 13 anos e 26,1% nos alunos de 18 anos) seja das prevalências nos últimos 30 dias (1,3% nos alunos de 13 anos e 11,2% nos alunos de 18 anos). Entre 2003 e 2007 verificou-se também uma descida das prevalências de

consumo de cannabis ao longo da vida e nos últimos 30 dias a nível de todas as idades, com exceção de algumas situações em que se registou uma estabilidade (nos alunos de 13 anos para ambos os tipos de prevalências e nos alunos de 18 anos para a prevalência de consumo nos últimos 30 dias).

Tal como sucedido em 2003, também em 2007 os resultados do ECATD relativos às perceções do consumo regular de cannabis indicavam que a perceção do risco desse consumo aumentava com a idade, mas que a perceção sobre a dificuldade de abandonar esse consumo diminuía com a idade. Uma vez mais a cannabis foi percecionada como a droga cujo consumo regular tem menor risco (em 2007 surge juntamente com o ecstasy, este com maior relevância nos mais novos e a cannabis nos mais velhos) e é mais fácil de abandonar. Entre 2003 e 2007, aumentou a perceção do risco do consumo regular da cannabis (seja na atribuição de maior risco, seja na diminuição percentual das respostas “*não sei*”) e da dificuldade do seu abandono, o que indicia uma maior informação destas populações sobre estas questões.

Em 2010, os resultados do HBSC/OMS evidenciaram uma vez mais a cannabis como a droga preferencialmente consumida, constatando-se um aumento das prevalências do consumo ao longo da vida entre 2006 e 2010 (de 8,2% para 8,8%), contrariamente à diminuição ocorrida entre 2002-2006<sup>83</sup>. No entanto, a prevalência do consumo de cannabis no último mês registou uma diminuição entre 2006 e 2010 (de 3,9% para 3,5%), apesar da prevalência do consumo de drogas no último mês ter aumentado (de 4,5% para 6,1%).

No estudo nacional *Drogas e Prisões: Portugal 2001-2007*<sup>84</sup>, tanto em 2001 como em 2007, a cannabis foi a substância ilícita que registou as maiores prevalências de consumo ao longo da vida entre a população reclusa (56,5% em 2001 e 55,2% em 2007). Entre 2001 e 2007 registou-se uma diminuição das prevalências de consumo de cannabis quer no contexto anterior à reclusão - 53,9% em 2001 e 48,4% em 2007 - quer no de reclusão - 38,7% em 2001 e 29,8% em 2007. No entanto, no contexto de reclusão, verificou-se um aumento do consumo regular<sup>85</sup> de cannabis (5,5% em 2001 e 7% em 2007).

Num estudo publicado em 2003 sobre consumos problemáticos de drogas em populações ocultas<sup>86</sup>, a cannabis surgiu juntamente com a heroína como as drogas com maior relevância entre estas populações, apesar da sua maior importância na *zona up* (na *zona down* a cannabis era mais utilizada nos períodos anterior e posterior à fase de dependência opiácea). A cannabis também parecia distinguir-se das outras substâncias, nomeadamente na sua adaptabilidade aos diferentes contextos e maior eficácia da gestão do seu consumo, embora pudesse, nalguns casos, existir um regime toxicodependente de consumo.

<sup>83</sup> No estudo realizado em 2006 já tinha sido evidenciada a existência de subgrupos (nomeadamente os mais novos e os com estatuto socioeconómico mais baixo) em que não se verificava uma diminuição do consumo de cannabis.

<sup>84</sup> Torres et al., 2009.

<sup>85</sup> *Todos os dias* no último mês na prisão.

<sup>86</sup> Fernandes & Carvalho, 2003.

Em 2006, num estudo publicado sobre a subcultura juvenil *trance*<sup>87</sup>, a cannabis aparece como uma substância valorizada positivamente, consumida não só neste tipo de festas mas também no quotidiano e, de uma forma geral, vista como inofensiva e de consumo banalizado.

No âmbito dos vários indicadores indiretos relativos ao consumo, em 2010 foi consolidado o relevante papel da cannabis nestes contextos, adquirindo maior visibilidade nos últimos anos a nível da procura de tratamento e continuando a assumir o papel de principal droga nos processos de contraordenação por consumo.

Nos contextos da **procura de tratamento**, a cannabis continua a surgir com alguma expressão a nível do ambulatório e sobretudo entre os novos utentes (primeiras consultas), vindo a adquirir nos últimos anos também maior relevância a nível do internamento. Em 2010 foi assinalada como a droga principal de 5% dos utentes em ambulatório na rede pública de tratamento da toxicodependência e de 11% dos novos utentes nesta rede. Nos Centros de Dia públicos e licenciados, foi referida como a droga principal de 11% dos utentes. Nas estruturas de internamento, em 2010, cerca de 1% dos utentes das Unidades de Desabilitação públicas e licenciadas e 9% dos utentes das Comunidades Terapêuticas públicas e licenciadas, foram referenciados como sendo a cannabis a sua droga principal. Comparativamente com os anos anteriores<sup>88</sup>, as percentagens de referências à cannabis como droga principal enquadram-se no padrão registado nos últimos anos a nível do ambulatório, nomeadamente no caso dos novos utentes em ambulatório na rede pública (11% em 2010, 12% em 2009, 11% em 2008, 2007, 2006 e 2005, e, 12% em 2004), e reforçam a tendência de aumento nos últimos anos a nível do internamento, nomeadamente no caso das Comunidades Terapêuticas (9% em 2010, 7% em 2009, 5% em 2008, 4% em 2007 e 3% em 2006 e 2005).

**Quadro 22 - Cannabis: Alguns Indicadores Indiretos relativos aos Consumos**  
2008 - 2010

Indicadores Indiretos		CONSUMOS					
		2008		2009		2010	
		Total	% a)	Total	% a)	Total	% a)
<b>Procura de Tratamento:</b> <b>Droga Principal dos Utes</b>	Ambulatório / Rede Pública	1 061	5	1 282	6	1 245	5
	Novos Utes	504	11	604	12	505	11
	Centros de Dia (Públicos e Licenciados)	21	4	26	7	39	11
	Unidades de Desabilitação (Públicas e Licenciadas)	13	0,4	21	1	11	1
	Comunidades Terapêuticas (Públicas e Licenciadas)	233	5	268	7	351	9
<b>Mortes</b>	Registos Gerais de Mortalidade, INE, I.P. b)	...		...		...	c)
	Registos Específicos de Mortalidade INML, I.P. d)	Só com Cannabis	..	..	..	..	e)
		Cannabis + Outras	..	..	..	..	..
<b>Processos de Contraordenação</b>	Só com Cannabis	4 163	68	5 429	76	4 920	71
	Cannabis + Outras Drogas	199	3	161	2	160	2

a) % relativa a cada indicador.

b) *Dependência de drogas, toxicomania*, CID 10 - Lista Sucinta Europeia, e, *Mortes relacionadas com drogas* (mortes causadas diretamente pelo consumo de drogas de abuso), CID 10 - Protocolo OEDT.

c) À data da divulgação deste Relatório, o INE ainda não dispunha da informação sobre óbitos por causas de morte de 2010.

d) Casos de *overdose*.

e) Os dados de 2010 sofrerão atualizações no próximo ano.

<sup>87</sup> Calado, 2006.

<sup>88</sup> Em 2005, houve alteração dos questionários relativos aos utentes que recorreram às Unidades de Desabilitação, Comunidades Terapêuticas e Centros de Dia, nomeadamente na questão da droga principal, sendo por isso só possível a leitura comparativa a partir dessa data. Por outro lado, a partir de 2008, passaram a recorrer às estruturas tradicionais de tratamento da toxicodependência também utentes por problemas relacionados com o consumo de álcool.

Fonte: Unidades Licenciadas / Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P. / Instituto Nacional de Estatística, I. P. / Instituto Nacional de Medicina Legal, I. P.

No que respeita às **mortes** relacionadas com o consumo de drogas no contexto das estatísticas nacionais da mortalidade do INE, I.P., os dados de 2010 não estavam disponíveis à data da publicação deste Relatório, e por razões de “segredo estatístico”<sup>89</sup> em 2009 e 2008 não foi possível disponibilizar informação desagregada a nível das substâncias envolvidas nessas mortes.

Relativamente à informação dos registos específicos de mortalidade relacionada com o consumo de drogas proveniente do INML, I.P., como já referido no respetivo capítulo, pela primeira vez em 2009 foi possível obter informação sobre as causas de morte dos casos com resultados toxicológicos positivos (relativa aos anos de 2008 e 2009), e assim, distinguir entre estes, os casos de *overdose*. Em 2010<sup>90</sup>, tal como em 2009 e 2008, não houve registo de casos de *overdose* relacionados com o consumo de cannabis.

No contexto dos **processos de contraordenação por consumo de drogas**, a cannabis continua a assumir o papel da principal droga: cerca de 71% dos processos relativos às ocorrências de 2010 estavam relacionados apenas com cannabis, tendo sido esta percentagem de 76%, 68%, 64%, 70%, 68% e de 69%, respetivamente em 2009, 2008, 2007, 2006, 2005 e 2004. Comparativamente a 2009, verificou-se um decréscimo (-9%) no número de processos relacionados apenas com cannabis (4920), o qual se refletiu no ligeiro decréscimo registado a nível do total de processos (-3%). A cannabis também assume um peso relevante no contexto dos processos envolvendo a posse de várias drogas, estando em 2010, presente em 32% destes processos (2% do total de processos). O número de processos relacionados com cannabis, registaram nos últimos dois anos os valores mais elevados da década, reforçando a tendência crescente iniciada ainda no âmbito do anterior quadro legal. Em 2010, predominaram em todos os distritos de Portugal Continental os processos de contraordenação relacionados só com cannabis, representando entre 47% (Beja) e 85% (Viana do Castelo e Setúbal) dos processos abertos em cada uma das CDT relativos às ocorrências de 2010. Em valores absolutos, uma vez mais os distritos do Porto e de Lisboa destacaram-se com os números mais elevados de processos relacionados só com cannabis.

## Mercados

No contexto do projeto ECATD<sup>91</sup> (alunos dos 13 aos 18 anos), tanto nos resultados de 2003 como nos de 2007 relativos à perceção do mercado, a cannabis foi considerada de maior acessibilidade (“*arranjar cannabis*”) do que o ecstasy e as perceções sobre a acessibilidade à cannabis variaram na razão direta da idade dos alunos. Entre 2003 e 2007 não se registaram alterações significativas nestas perceções.

Em 2010, a nível dos vários indicadores indiretos relativos aos mercados, foi consolidada a posição da cannabis enquanto principal droga envolvida nestes contextos, com uma visibilidade crescente ao longo da década.

<sup>89</sup> Lei do SEN, Lei n.º 22/2008 de 13 de Maio.

<sup>90</sup> Os dados de 2010 serão ainda objeto de atualização no próximo ano.

<sup>91</sup> O ECATD - Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco e Droga - teve início no IDT, I.P. em 2003 e foi repetido em 2007 (Feijão & Lavado, 2006; Feijão, 2009), inserindo-se no Programa de “Estudos em Meio Escolar”.

Tal como vem sucedendo desde 2002, o haxixe<sup>92</sup> foi a substância que registou em 2010 o maior número de **apreensões** (3063), representando um ligeiro decréscimo em relação a 2009 (-3%). Desde 2002 que se verifica uma tendência de aumento no número das apreensões de haxixe (apesar das quebras consecutivas registadas em 2006 e 2007), registando-se os valores mais elevados da década nos últimos dois anos. O número de apreensões de liamba em 2010 (533), embora ligeiramente inferior ao registado no ano anterior (-6%), confirma a tendência de acréscimo verificada na última década, registando-se nos últimos dois anos os valores mais elevados. Em 2010, as **quantidades** apreendidas de haxixe aumentaram em relação a 2009 (+51%), e, embora as de liamba tenham diminuído em relação ao ano anterior, é de ressaltar que 2009 foi um ano atípico em termos da quantidade de liamba apreendida (registou o valor mais elevado da década, muito acima do registado nos anos anteriores). Não obstante as oscilações anuais, verificam-se aumentos das quantidades apreendidas de haxixe e de liamba na segunda metade da década comparativamente à primeira. Cerca de 4% das apreensões de haxixe e 2% das de liamba envolveram **quantidades significativas**<sup>93</sup>, representando no entanto, em termos das quantidades apreendidas, 46% da liamba e a quase totalidade do haxixe (99,7%) apreendidos no país em 2010.

Quanto às **rotas**, no âmbito do tráfico internacional, mais uma vez Marrocos surgiu como o principal país de proveniência do haxixe apreendido em Portugal em 2010. A maioria da quantidade do haxixe apreendido no país e com informação em matéria de rotas tinha como destino o mercado externo. No caso da liamba, não existe informação sobre a origem e destino da quase totalidade da liamba apreendida. Os distritos de Lisboa, Porto, Setúbal e Faro destacaram-se em 2010 com o maior número de apreensões de haxixe (respetivamente 37%, 21%, 9% e 6% do total destas apreensões), e, no caso da liamba, foram os distritos de Lisboa (20%), Porto (12%), Faro (9%), Região Autónoma dos Açores (9%) e o distrito de Braga (7%). Em termos de quantidades apreendidas, destacaram-se o distrito de Faro no caso do haxixe (com 84% do total confiscado), e, o distrito de Coimbra, Região Autónoma dos Açores e o distrito de Santarém a nível da liamba (respetivamente com 20%, 14% e 13% das quantidades apreendidas no país em 2010).

No que respeita aos **preços médios**<sup>94</sup>, comparativamente ao ano anterior registou-se uma ligeira subida do preço do haxixe (3,59 €/grama em 2010 e 2,99 €/grama em 2009)<sup>95</sup>. Apesar das flutuações anuais, verifica-se desde 2002 uma tendência para a subida do preço médio da liamba e para a estabilidade do preço do haxixe (embora com valores ligeiramente mais elevados na segunda metade da década).

---

<sup>92</sup> Os dados relativos ao haxixe incluem a resina e o pólen da cannabis.

<sup>93</sup> Consideradas no caso da cannabis as quantidades iguais ou superiores a 1000 g, de acordo com os critérios utilizados pela Organização das Nações Unidas.

<sup>94</sup> Desde 2002 que os preços se referem apenas ao mercado de tráfico e de tráfico-consumo. Esta informação é obtida através dos indivíduos detidos no contexto destas apreensões, que mencionam o preço que pagaram pelo produto estupefaciente apreendido.

<sup>95</sup> Não foi possível proceder ao cálculo do preço médio da liamba em 2010.

**Quadro 23 - Cannabis: Alguns Indicadores Indiretos relativos aos Mercados**

Indicadores Indiretos		MERCADOS						
		2008		2009		2010		
		Total	% <sup>a)</sup>	Total	% <sup>a)</sup>	Total	% <sup>a)</sup>	
Interpelações Policiais	Apreensões	Haxixe <sup>b)</sup>	2 616		3 144		3 063	
		Liamba	383		568		533	
	Quantidades Apreendidas (Kg)	Haxixe <sup>b)</sup>	61 262		22 966		34 774	
		Liamba	37		5 045		40	
	Preço Médio (grama)	Haxixe	3,28 €		2,99 €		3,59 €	
		Liamba	5,09 €		6,22 €		— <sup>c)</sup>	
	Presumíveis Infratores	Só com Cannabis	2 444	47	3 168	51	3 033	49
		Cannabis + Outras Drogas	722	14	775	13	796	13
Condenações	Indivíduos Condenados	Só com Cannabis	648	36	717 <sup>d)</sup>	37	722 <sup>d)</sup>	42
		Cannabis + Outras Drogas	227	13	266 <sup>d)</sup>	14	177 <sup>d)</sup>	10

a) % relativa a cada indicador.

b) Os dados relativos ao haxixe incluem a resina e o pólen da cannabis.

c) Não existem dados suficientes para se proceder ao cálculo do preço médio.

d) De acordo com o critério metodológico utilizado nos anos anteriores, foram consideradas as decisões judiciais datadas de 2009 e 2010 que deram entrada no IDT, I.P. até 31/03/2011. Os dados relativos a 2010 ainda sofrerão atualizações no próximo ano e serão contabilizadas as decisões relativas a 2010 que derem entrada no IDT, I.P. entre 31/03/2011 e 31/03/2012.

Fonte: Polícia Judiciária: UNCTE / Tribunais / Instituto da Droga e da Toxicodependência, I.P.: DMFRI - NE

Nas **interpelações policiais por tráfico e tráfico-consumo**, registou-se um ligeiro decréscimo do número de presumíveis infratores na posse só de cannabis (3033) em relação ao ano anterior (-4%), verificando-se uma estabilidade a nível do número total de presumíveis infratores (-0,4%). No entanto, os números de presumíveis infratores na posse só de cannabis registados nos dois últimos anos foram os mais elevados desde 2002, e mantêm-se o predomínio da cannabis em relação às outras substâncias, como se verifica pela percentagem de presumíveis infratores na posse apenas de cannabis (49% em 2010, 51% em 2009, 47% em 2008, 44% em 2007, 47% em 2006, 2005 e 2004). Tal como nos anos anteriores, as situações relacionadas só com a posse de cannabis surgiram com bastante mais importância relativa no grupo de presumíveis traficantes-consumidores do que no grupo de presumíveis traficantes. Nas situações envolvendo a posse simultânea de várias drogas, a cannabis vem também assumindo maior relevância nos últimos anos, estando em 2010, presente em 45% destas situações (13% do total de presumíveis infratores).

Nas **condenações** ao abrigo da Lei da Droga, em 2010<sup>96</sup> foram condenados 722 indivíduos na posse apenas de cannabis, representando 42% do total das condenações ao abrigo da Lei da Droga (37%, 36%, 36%, 34%, 33% e 34%, respetivamente em 2009, 2008, 2007, 2006, 2005 e 2004). Pelo oitavo ano consecutivo e refletindo a evolução ocorrida a nível das interpelações policiais, que se constata nas condenações relacionadas só com uma droga o predomínio da cannabis em vez da heroína, como era habitual anteriormente. Nas condenações relacionadas com a posse de várias drogas, a cannabis também vem emergindo com maior visibilidade nos últimos anos, surgindo em 2010, em 34% destas condenações (10% do total das condenações).

<sup>96</sup> De acordo com o critério metodológico utilizado nos anos anteriores, foram consideradas as decisões judiciais datadas de 2009 e 2010 que deram entrada no IDT, I.P. até 31/03/2011. Os dados relativos a 2010 ainda sofrerão atualizações no próximo ano, com a inclusão das decisões que derem entrada no IDT, I.P. entre 31/03/2011 e 31/03/2012.